

Ensino médio tem pouca evolução

● O Brasil conseguiu melhorar a qualidade da educação pública nos primeiros anos do ensino fundamental, mas não avançou no ensino médio. Todos os Estados, com exceção de Minas que não cresceu nem caiu, tiveram aumento em seu Índice de Desempenho da Educação Básica (Ideb) de 2005 para 2007 entre 1ª e 4ª série, segundo dados divulgados pelo MEC. Porém, oito deles registraram queda na nota no ensino médio e, em outros sete, o índice permaneceu inalterado.

“É como se fosse uma geração perdida, consequência de mais de uma década de políticas educacionais equivocadas”, diz a educadora Maria Sylvia Bueno, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de São Paulo, em Marília. Para ela, esses alunos são os “filhos” das políticas de correção de fluxo aplicadas nos anos 90, ou seja, diminuir a repetência para que os alunos estudem na série considerada correta para a idade. “Ela tinham como foco a correção desse problema, mas foram aplicadas sem medidas pedagógicas apropriadas.”

Para os alunos, agora, a expectativa é de algum tipo de projeto futuro, seja em cursos técnicos ou outro tipo de formação para o trabalho. “Tem que se pensar como esses estudantes podem ser integrados em outro momento, porque esse já foi perdido para eles”, analisa Helena Coharik Chamlian, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Segundo ela, existe uma soma de fatores que tornam o ensino médio um desafio mais complexo para as políticas públicas: a necessidade de formação diferenciada do professor, a formulação de um currículo que dialogue com a realidade do jovem e a preparação para o mercado de trabalho.

O antigo colegial, hoje ensino médio, é visto no País como o principal desafio da educação. Enquanto quase todas as crianças de 7 a 14 anos estão na escola, entre os adolescentes do ensino médio o índice é de 40%. E as taxas de abandono, em vez de cair, estão crescendo.

Apesar da preocupação com o ensino médio, os educadores são unânimes em afirmar que é melhor pa-

O ÍNDICE

► O Ideb de cada nível de ensino é calculado com base nos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica, da Prova Brasil e das taxas de aprovação, repetência e evasão do Censo Escolar

► Esse foi o segundo ano em que o Ideb foi divulgado. O MEC estabeleceu metas a serem alcançadas, de dois em dois anos, até 2021

► Os avanços das primeiras séries do ensino fundamental podem ser notados principalmente no Nordeste, cujas notas de 1ª a 4ª cresceram 20% desde 2005

ra a educação brasileira que o avanço esteja ocorrendo na base (1ª a 4ª séries). Para a especialista da Universidade de São Paulo Silvia Colello, fica claro que Estados e municípios têm investido mais em políticas públicas voltadas para o perío-

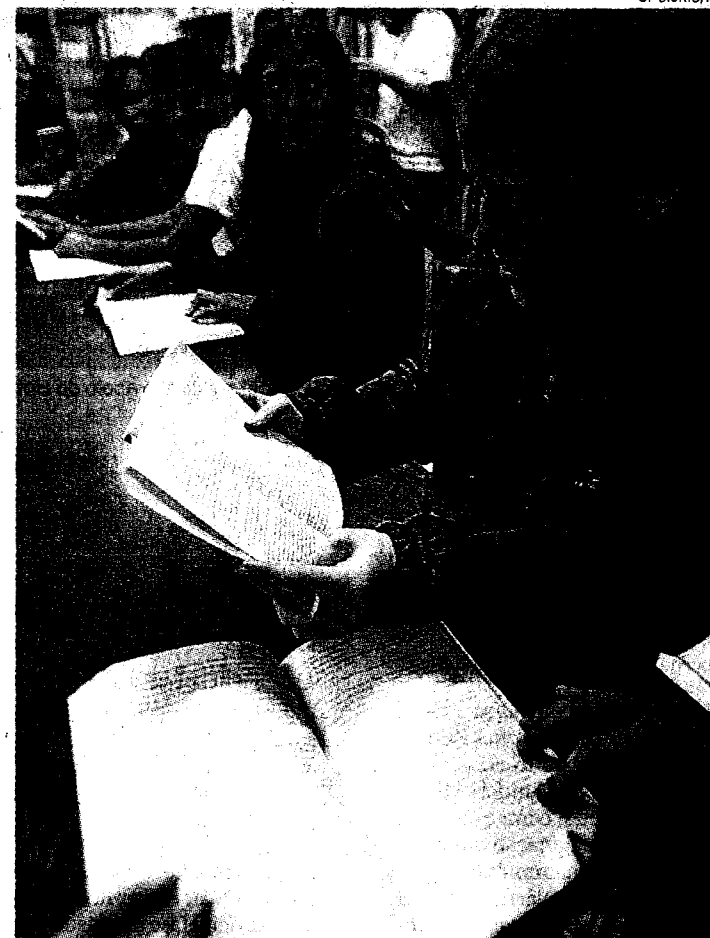
do da alfabetização do que para o ensino médio. “De certa forma, investir no ensino médio é remediar um problema e investir na 1ª a 4ª séries é prevenir”, explica. Em dez Estados, o Ideb aumentou em mais de 15% nas primeiras séries.

Desafio

O próprio Ministério da Educação revela preocupação com o ensino médio. Não só esse nível de ensino tinha o menor Ideb, como sua meta, proporcionalmente, também era menos exigente, já que o ponto de partida era mais baixo. Mesmo assim, os resultados foram ruins.

“O ensino médio é o grande desafio. Apesar da meta de 2009 também ter sido cumprida, a exigência era menor e muitos Estados não conseguiram bons resultados”, disse o ministro da Educação Fernando Haddad. A expectativa do ministério é que a nova geração comece a chegar ao ensino médio nos próximos anos e eleve as notas. ::

Renata Cafardo, Simone Iwasso e Lisandra Paraguassú



Alunos na Escola Estadual Paulo Rossi, Zona Sul. Lá a prioridade é ler

Metas ajudam escola a melhorar, diz especialista

● A aceitação da cultura da avaliação e do estabelecimento de metas já são por si só ferramentas suficientes para que a escola melhore, dizem especialistas. Isso porque eles organizam um sistema que estava perdido e fraco, abrindo possibilidades

para efetiva colaboração entre municípios, Estados e União.

A adesão a esse ponto de vista aumentou nos últimos anos, mas ainda desperta polêmicas, principalmente entre sindicatos de professores, que as recebem como um modo de gestão do mundo privado no ensino público.

“Avaliação e a transparência do Ideb são meio caminho andado para as escolas melhorarem”, diz a educadora da Universidade de

São Paulo, Silvia Colello. “Quando se tem um plano de metas, as escolas são obrigadas a correr atrás.” Para Ana Paula Corti, especialista da organização não-governamental Ação Educativa, os indicadores ajudam a entender o progresso de uma rede, mas é preciso levar em conta que eles também apresentam limitações. Ou seja, são amostragem de como anda o sistema em alguns aspectos, mas não na totalidade.

‘É um avanço muito significativo’

● Já alcançadas com dois anos de antecedência, as metas do Ideb para 2009 e para os anos posteriores não serão revistas. Ao menos por enquanto. Isso porque nem mesmo o Ministério da Educação acredita que a velocidade atingida agora se mantenha daqui para frente.

“É o resultado de um ano. Precisamos consolidá-lo, verificar se esse ímpeto se mantém”, disse o minis-

tro da Educação, Fernando Haddad. “É um avanço muito significativo para imaginarmos que vai se reproduzir no próximo ciclo. Não podemos confiar nisso.”

O próprio ministro admitiu surpresa ao receber os índices consolidados. E atribui esse primeiro avanço a uma reorganização inicial do sistema feita a partir da própria avaliação. “Nós tínhamos uma escola

que não sabia o que devia ensinar, um professor que não sabia o que seu aluno devia aprender e um sistema que não sabia o que seria avaliado”, disse. “No momento em que iniciamos a avaliação, dissemos o que o aluno devia saber na 4ª série, na 8ª série e no 3º ano do médio. Isso substituiu o currículo que não existia mais.” ::

Lisandra Paraguassú